



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos

# *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 335 | vol. 20 | 2022

**O Antropoceno e as ruínas da democracia:  
a condição humana como monstruosidade**

**Adriano Messias**

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 335 | vol. 20 | 2022

**O Antropoceno e as ruínas da  
democracia: a condição humana  
como monstruosidade**

**Adriano Messias**

Pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e  
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 335 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** Fragmento da obra "El Guernica", 1937, de Pablo Ruiz Picasso. Foto: Antonio Marín Segovia Flickr CC

**Revisão:** Pedro Henrique Barbosa de Brito

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade

Adriano Messias

**RESUMO:** Há anos, venho trabalhando em uma sinergia que coloca em confrontos e encontros os monstros, os sintomas da cultura e os problemas contemporâneos. Primeiramente, com o cinema e com a literatura. Aos poucos, porém, fui levado para o Antropoceno – tema que persigo não apenas por sua urgência e relevância, mas também por ele ser uma espécie de catalizador, permitindo-me colocar vários elementos em diálogo a partir de uma visão que busque a complexidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropoceno. Condição humana. Monstruosidade.

# The Anthropocene and the Ruins of Democracy: The Human Condition as Monstrosity

Adriano Messias

**ABSTRACT:** For years, I've been working on a synergy that brings together monsters, the symptoms of culture and contemporary problems in various confrontations and encounters. First, with cinema and literature. Gradually, however, I was taken to the Anthropocene – a theme that I pursue not only because of its urgency and relevance, but also because it is a kind of catalyst, allowing me to place several elements in dialogue from a vision that seeks complexity.

**KEYWORDS:** Anthropocene. Human condition. Monstrosity.

# O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade

Adriano Messias

Pós-doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital e  
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP

## I. DOS MONSTROS

**H**á anos, venho trabalhando em uma sinergia que coloca em confrontos e encontros os monstros, os sintomas da cultura e os problemas contemporâneos. Primeiramente, com o cinema e com a literatura. Aos poucos, porém, fui levado para o Antropoceno – tema que persigo não apenas por sua urgência e relevância, mas também por ele ser uma espécie de catalizador, permitindo-me colocar vários elementos em diálogo a

partir de uma visão que busque a complexidade<sup>1</sup>.

Quando comecei com o estudo dos monstros no doutorado, o que resultou no livro *Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura* (2016; 2022), eu pretendia fazer um levantamento dos monstros mais recorrentes e emergentes no cinema deste século e indagar o que eles nos traziam em termos de forma – não tanto de conteúdo –, ao mesmo tempo traçando paralelos com os monstros que os antecediam. Por exemplo: os zumbis contemporâneos apresentariam quais aspectos formais ou performáticos que pudessem distingui-los dos zumbis dos anos de 1990, 80, 70 ou 60, e o que isso nos indicaria em termos de sintomatologias culturais? Ou seja, o que um monstro é capaz de mostrar nos filmes e nos livros que esteja para além do entretenimento?

Encantado pelas figuras monstruosas, o que também se reflete em minha carreira como escritor de ficção – tendo mais de cento e trinta obras para crianças e jovens nas quais exploro os monstros de todas as maneiras que me dão prazer –, costumo dizer que a escolha de um objeto de pesquisa tem de estar afinada com o desejo do sujeito pesquisador. E os monstros, de fato, têm muito a mostrar sobre a condição humana.

Não é novidade que o monstruoso atue como bali-za para que nos miremos. Ele muitas vezes nos aparece enviesado, torto, repugnante, amorfo, corrosivo, apocalíptico, encarnando os duplos que nos constituem e

1 Este texto foi adaptado da conferência O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade, proferida pelo Dr. Adriano Messias no âmbito do IHU Ideias, Instituto Humanitas Unisinos, em junho de 2022 (Link: <https://www.youtube.com/watch?v=AAFEdy9kzs>). Adriano Messias é considerado o pesquisador que trouxe o tema do Antropoceno para os debates acadêmicos em nosso país.

que são extravasados nas criações artísticas e culturais. O monstro transborda e deborda o que é humano.

A partir de *Todos os monstros da Terra* – onde já estavam as bases de meus pensamentos sobre o Antropoceno, até então abarcadas pelas conceituações do mal-estar e do sintoma na cultura –, depurei três formas monstruosas que, no pós-doutorado, apontaram-me uma via de pesquisa ainda mais recortada. Os zumbis, esses corpos deambulantes devoradores; os fantasmas, habitantes da tecnoantroposfera; e os ciborgues, os androides e a inteligência artificial, em múltiplas conformações que assinalavam *check points* para o corpo humano, constituíram minha tríade, e foi por ela que avancei. A nova indagação era o que os zumbis, os fantasmas e os ciborgues representavam especificamente no cabedal das sintomatologias da cultura.

Desenvolvi um projeto chamado *A fantasma seniente*, no qual o Antropoceno ganhou relevo junto aos monstros. Foi apreciando gárgulas em catedrais europeias que decidi incluir o Antropoceno de vez em meus estudos, talvez porque aqueles monstrosinhos que proliferam no Velho Mundo, à guisa de escoadouros de água, sejam simbolicamente testemunhos de muitas antropocenas. Ainda que semidestruídas por bombas ou desfiguradas pela chuva ácida, boa parte das gárgulas sobreviveram até o presente. Se aquelas pedras pudessem falar, o que nos contariam sobre as intromissões humanas em seu ambiente? Retornarei ainda à pedra.

A associação entre condição humana, monstruosidades e Antropoceno me pareceu muito instigante, sobretudo porque, até então, boa parte das pesquisas em torno do Antropoceno, realizadas no exterior, di-



ziam respeito às alterações climáticas, a extinções da fauna e da flora e ao degelo em regiões polares. Havia uma lacuna para contribuições provenientes das ciências humanas e sociais e, sobretudo, para um olhar psicanalítico e semiótico, a fim de que a temática ganhasse mais corpo e fortuna crítica. Na Europa e nos Estados Unidos, travavam-se acaloradas discussões a favor ou não da datação de uma nova época geológica, esta sendo propiciada por nossa espécie. O Antropoceno ganhou relevo no século atual inicialmente colocando defensores e descrentes em contendas, até que se constatou que não era possível ignorá-lo, ainda que houvesse muitas formas de abordagem.

## II. DO ANTROPOCENO

Comecei a me dedicar ao Antropoceno na mesma época em que pesquisadores de outras partes do mundo se debruçavam sobre este tema que, em um primeiro momento, parecia mais exclusivamente pertinente a campos como a geologia, a paleologia, a mineralogia e a climatologia, e decidi que a psicanálise teria algo a dizer sobre o Antropoceno, ou melhor, “deveria” dizer algo a respeito, haja vista a existência da chamada “clínica da cultura”.

Antes de tudo, o Antropoceno não é algo que está “lá fora”, apartado de nós. Ele também está “em nós”, humanos, de todas as formas possíveis, fazendo parte de nossas vidas: revela-se tanto na atmosfera poluída que respiramos, na chuva ácida que cai sobre nossas plantações e nossos monumentos, quanto em nosso sangue, invadido por partículas de microplásticos e vírus novos, ou ainda em nosso sistema digestório, bombardeado por produtos hiperindustrializados a

que chamamos de alimentos.

Mais do que obra do acaso, o Antropoceno é uma monstruosa invenção humana, a mais devastadora de todas, posto que reúne o que já trazíamos de pior no decorrer de nossa breve jornada como humanidade, de onde também ofereço uma visão muito pessoal de que, se por um lado o Antropoceno acabou por ter sido simbolicamente demarcado, ao menos para os cientistas que assim concordaram, em algum momento do século XX – com a Segunda Guerra Mundial e as explosões das bombas atômicas, por exemplo –, por outro lado, suas primeiras pegadas possivelmente podem ser vistas durante outros períodos da história humana, como comentarei adiante – e foi isso o que me fez debruçar ainda mais sobre a teoria freudiana das pulsões.

O *Homo sapiens*, a jovem espécie dotada da linguagem simbólica e, concomitantemente, fundadora de uma comunicação em redes até então inédita no planeta, tem sido historicamente capaz de importunar outras espécies e causar imensas alterações planetárias – as quais denomino antropoalterações –, e isso em pouquíssimo tempo.

Gosto de ilustrar o que digo com alguns gráficos temporais que nos mostram como fomos deletérios ao planeta depois que saímos das savanas africanas para percorrer outros continentes, provavelmente entre cem e cento e oitenta mil anos atrás – quanto mais longínquo o período, mais difícil a precisão dos fenômenos humanos.

Se a história da Terra fosse transposta para um único dia, teríamos aparecido apenas quando faltasse um minuto e dezessete segundos para a meia-noite. Nesse

insignificante lapso de tempo, sobretudo nos segundos mais recentes, alteramos a biota de tal forma que colocamos milhões de espécies em risco de extinção, incluindo a nossa. Por isso digo que, para mim, é inevitável pensar o Antropoceno sem a semiótica e sem a psicanálise: que espécie inteligente é essa que, por um lado, tem tantas qualidades criativas e, por outro, é algoz de si mesma?

O Antropoceno, em suma, tem sido mais do que um nome ou um conceito, mas uma chave para conectar as diferentes partes da vasta sintomatologia cultural em que estamos imersos, a qual sinaliza tanto o mal-estar na civilização quanto as desesperanças de um sujeito desbussolado.

Filósofos, pesquisadores e cientistas parecem estar falando, cada qual na sua área, da mesma coisa, essa “Coisa antropocênica”, como digo: por exemplo, a ausência de referências que, em psicanálise, dizem respeito ao recuo da metáfora paterna; a sociedade liquefeita e ubíqua, rumando ao gasoso; as inconstâncias do neocapitalismo devastador, que depaupera povos e comunidades; a ascensão de governos de extrema direita mundo afora; a opressão aos movimentos que buscam reconhecer e legitimar os direitos humanos para todos; o descomunal extermínio de seres e ambientes da biota planetária. As casuísticas são numerosíssimas e se escancaram todos os dias, não apenas nas notícias que vemos, ouvimos e lemos, mas também no mundo comum que partilhamos uns com os outros assim que saímos às ruas.

### III. DOS ANTROMAS E DOS BIOMAS

Ainda insistimos em chamar de bioma o que, há muito, já se tornou um antroma. Antromas são biomas antropogênicos, imensamente alterados e prejudicados por nós. Trago como exemplo a Mata Atlântica. Este grande bioma, que inclui até mesmo ecossistemas associados – como manguezais, restingas, campos de altitude, brejos e enclaves florestais nordestinos – ocupava, no início da chegada dos portugueses à costa brasileira, 1,3 milhão de km<sup>2</sup>, e sua presença se estendia por territórios de dezesseite dos atuais estados do país. Hoje, restam 12,5% da cobertura florestal de origem, a maior parte em fragmentos de floresta secundária. É urgente a criação de corredores ecológicos para os bolsões ou “ilhas” de Mata Atlântica remanescente, pois a redução de uma determinada área ecológica implica a extinção de espécies que precisam de um ecossistema mais amplo para existirem. Porém, o que se vê em torno desses bolsões são justamente terras cultivadas, atividades de pecuária, terras ociosas e desmatadas, cidades e indústrias.

Além disso, existe o risco permanente de danos humanos diretos ao que resta da Mata Atlântica se pensarmos que, mesmo em áreas protegidas, ocorrem ações de tráfico ilegal de animais silvestres ou de desmatamento criminoso. Isso faz com que um determinado bioma seja “perturbado” por vários antromas, se é que ele próprio já não se tornou também mais um antroma nesse planeta.

No Brasil, os principais biomas são a Mata Atlântica, junto à qual vivem cerca de 135 milhões de pessoas; a Caatinga, com 28 milhões; o Cerrado, com

24 milhões; a Floresta Amazônica, com 22 milhões; os Pampas, com cinco milhões, e o Pantanal, com quatrocentos e cinquenta mil pessoas. Torna-se impossível que todas essas enormes áreas continuem a ser consideradas unicamente biomas, justamente pelo tanto que já foram alteradas.

A Amazônia, hoje já sabida como densamente povoada muito antes da invasão europeia nas Américas, é outro estudo de caso emblemático quando pensamos em biomas e antromas. Descobertas de sítios arqueológicos nos últimos anos estimam entre oito e dez milhões de indígenas espalhados por aquela região em séculos passados, conformando massas humanas integradas ao seu entorno e capazes de domesticar diversas espécies botânicas, a exemplo de castanheiras e grãos.

Entre os principais formadores de antromas, estão a agropecuária e as demais formas de uso da terra (exploração mineral, madeireira e silvicultura para extração de matéria-prima), além da urbanização e da industrialização. Se hoje ainda somos autóctones, é de nossos próprios antromas, de onde a pergunta: será que podemos chamar de biomas aquelas terras ditas selvagens da Sibéria em que tundras são atravessadas por dutos de óleo e gás, ou a própria Amazônia, recortada por fazendas, plantações e hidroelétricas? Não há lugar do mundo que não tenha sido de alguma forma afetado ou devastado pelo humano, incluindo-se as chamadas “florestas virgens”. Muitas delas revelam resquícios de civilizações pré-históricas e isso se dá nas regiões amazônicas, em que o que parece uma mata primária já se apresenta, de fato, como secundária. Os arqueólogos dizem que hoje não há mais terras

inexploradas no planeta, de maneira que não será mais encontrada nenhuma nova humanidade perdida em algum rincão.

Em sentido amplo, podemos dizer que propiciamos a transformação da própria biota em um monstruoso antroma construído como uma colcha de retalhos, e isso faz com que determinadas populações de animais e plantas diminuam tanto que já correm risco de extinção.

No decorrer de milhares de anos, ao migrarmos de um ponto a outro do planeta, proporcionamos também migrações dos próprios ecossistemas em que vivíamos, levando conosco, fosse em nossa bagagem de mão, em nossos fardos ou dentro de modestas embarcações, animais e plantas de outros lugares – às vezes de outros continentes. Alteramos completamente os biomas desde a pré-história, e isso de tal forma que um turista pode se sentir em um local único quando, na verdade, estará rodeado por palmeiras, coqueiros e gramíneas que foram trazidas, há milênios, do lugar em que hoje é seu próprio país. Em nossas andanças pela superfície da Terra, fomos carregando nossos móveis, nossa horta, nosso jardim, nossa caça, nosso leite e, até mesmo, nossas paisagens. E não era outra coisa o que os colonos europeus faziam ao aportarem em terras americanas ou da Oceania. Até mesmo a chamada Antártida marítima tem sofrido impactos com introduções antropogênicas: a visitação de turistas e pesquisadores durante os verões faz com que estes deixem, sem querer, milhares de sementes de outros continentes, ao ponto de a gramínea europeia *Poa annua* já ter se enraizado no continente austral, pelo menos desde 1953.

## IV. DA PRÉ-HISTÓRIA

Atualmente, estou focado em seguir as pegadas do *Homo sapiens* que vieram a dar nesse caminho de mão única chamado Antropoceno. Tenho investigado teorias desenvolvidas por arqueólogos e paleoantropólogos que suspeitam que os *sapiens* possam ter exterminado outras espécies do gênero *Homo*, além de animais da megafauna americana e australiana. Trata-se de um tema delicado e melindroso, pois lidar com dados esparsos de há vinte, cinquenta ou cem mil anos exige prudência. Não são poucos os cientistas sérios, porém, que abordam uma extinção neandertal facilitada pela chegada de nossa espécie ao continente europeu. Há evidências de que, assim que os *sapiens* colonizavam determinada parte do globo, algum tipo de extinção em massa tendia a ocorrer no decorrer de alguns milhares de anos.

Neste escopo, o *Homo floresiensis* é outro estudo de caso pertinente: fósseis dessa espécie, apelidada de Hobbit, foram descobertos em 2003, em uma caverna na Ilha de Flores, na Indonésia. Existe uma forte correlação, percebida por arqueólogos, entre o desaparecimento dos homens de Flores e a chegada de uma enorme onda *sapiens* originária do Ocidente, a qual também veio a atravessar o mar que separava o Sudeste Asiático do continente australiano e, possivelmente, participou da extinção de grandes mamíferos nos milênios posteriores. Ou seja, o idílico “Paleolítico perdido” nunca existiu, como vemos nos exemplos mencionados, e isso assinala grandemente as condutas pulsionais do *sapiens* em sua história. Estão em jogo as renúncias e perdas que fizemos e fazemos constantemente para continuarmos adotando um estilo civili-

zatório altamente pernicioso para com os ecossistemas, os regimes fluviais e pluviais, os solos, o equilíbrio climático e a continuação das espécies no planeta - incluindo-se, evidentemente, a nossa. Vemo-nos, assim, enrodilhados numa espécie de espiral de mal-estar que apenas se faz repetir, mas pouco é transformada por nossas ações. Estas, quando de fato vêm em benefício coletivo, são lentas e não sem embates e conflitos.

Se podemos falar de um “erro” ou “desacerto” não só quanto ao entendimento dos biomas, mas também com relação aos esforços ecológicos e a todas as boas ações que são noticiadas todos os dias a favor de se preservar a “natureza” e de se manter o equilíbrio biológico, esse erro se apresenta de maneira intrínseca à própria “ideologia ecofriendly”, que coloca sobre um pedestal a velha e incansável visão dualista do mundo: natureza x cultura. Temos de nos desprender dos dualismos e ir além, ou ficaremos presos aos paradoxos tão apreciados pelos futurólogos, a exemplo de: “o que fazer para não alterarmos os biomas, se estamos de fato adjungidos a eles?”; “teríamos de evacuar o planeta?”

A ideia que me parece razoável é outra: o que chamamos de “natureza” está inserido nesses mosaicos antropogênicos - os antromas -, e, por isso mesmo, temos de pensar o planeta de forma mais integrada, incluindo-se aí as zonas colonizadas pelos humanos, em vez de, tantas vezes, querermos retratar paisagens longínquas e desoladas como exemplo do chamado mundo natural. Movemos mais terra e produzimos mais nitrogênio do que todos os demais processos terrestres em combinação. Ocupamos uma superfície planetária maior do que a dos ecossistemas ditos “selvagens”, e isso tem de ser considerado quando se quiser pensar



políticas de mitigação de impactos e melhorias de ecossistemas. Não é possível nos varrermos para um lado e deixarmos o resto intacto por outro: até nas fossas abissais dos oceanos há depósitos de plásticos de variadas constituições. Achamos que colonizaríamos o planeta como espécie reinante e absoluta, mas nos esquecemos de que só existimos devido ao delicado equilíbrio que compõe os ecossistemas.

Durante boa parte da vastidão temporal paleolítica, fomos meros caçadores-coletores de baixa ofensividade, mas nos tornamos capazes de alterar completamente os ecossistemas a partir de intervenções na Terra que se originaram dos modos de viver dos humanos do final do Paleolítico e do Neolítico. A agricultura permitiu a concentração de altas densidades populacionais em determinadas regiões. Depois das áreas de pastagem, as quais cobrem um terço das terras livres de gelo, os cultivos agrícolas são os antromas mais extensos, em contraposição às terras sem evidência de ocupação humana. Estas ocupam só 22% das áreas sem gelo permanente.

Então, de acordo com essa perspectiva, os biomas se tornaram uma fração muito pequena do planeta quando comparados aos antromas ou aos potenciais antromas, que vêm a compor um mosaico de paisagens muito heterogêneas ocupadas e exploradas por nossa espécie.

## V. DA TANATOPOLÍTICA

No âmbito do Antropoceno, tenho pensado ainda na tanatopolítica quando olho para o que muitos pesquisadores costumam chamar de ruínas da demo-

cracia mundo afora. Considero a tanatopolítica um conceito importante. Para mim, ela assinala uma “passagem” da biopolítica foucaultiana para um estado civilizacional ainda mais perverso. A primeira tratava das tecnologias de poder com vistas a “fazer viver” mediante o assujeitamento (cognitivo, moral, legal, social e médico) do sujeito. A tanatopolítica é ainda pior, pois ela gerencia a morte de grupos considerados indesejáveis ou ameaçadores para determinada sociedade, fazendo-se valer sobretudo em regimes totalitários e de extrema direita, a exemplo das ditaduras militares latino-americanas. No escopo tanatopolítico contemporâneo, podemos pensar em indivíduos redundantes e indivíduos resilientes, outra combinação perversa que comentarei adiante. Estamos imersos em um modelo capitalista que acena ao catastrófico: não por acaso, são numerosos os filmes, séries e livros pós-apocalípticos, incluindo-se as conhecidas distopias zumbis que espelham nossas angústias existenciais.

O preço da civilização tem sido ainda enfiar parte da população em casas e prédios fechados, vigiados, filmados, segurados – é a sociedade dos riscos e dos seguros. Nada mais fúnebre do que a oferta de um seguro de vida pelo gerente de seu banco. Acostumamos-nos a vários discursos que apelam para uma vida programada, sem falhas, incluindo-se até mesmo a própria morte. O risco é, assim, uma mercadoria, não uma possibilidade. Ele nos faz acovardar, pois protegemo-nos excessivamente de algo irreal e que existe apenas para nossa espécie: o tal futuro.

A esse contexto também se soma o fato de que estamos em um planeta com mais de sete bilhões de humanos. O envelhecimento da população é uma realidade:

a expectativa de vida tem aumentado em determinadas partes do mundo há várias décadas, ainda que tenha decaído um pouco com a recente pandemia. Convivemos com excedentes de jovens sem capacitação e sem emprego. Estudos sérios dos últimos anos comprovam que o uso inadequado das telas digitais compromete a cognição e o emocional das gerações mais novas.

Alguns dos exemplos anteriores se inserem no contexto da resiliência. Existe, em contraposição, a esfera da redundância: as migrações em massa, em sua maioria involuntárias, apresentam pessoas em estado de miserabilidade fugindo de seus países devido à fome e à violência.

Nesse panorama, há os que se enquadram no modelo do *animal laborans* – aquele que trabalha para produzir. Em meio às demandas por produtividade – uma estratégia do neoliberalismo para que ele próprio continue valendo –, reforçou-se, por exemplo, o negacionismo da pandemia de 2020-2021-2022 em muitos dos meios políticos e empresariais de diversos países, quando vidas importariam “apenas” e “se” continuassem a ser a força motriz do capitalismo.

A incongruência de tal ciclo se revelou com o evento sanitário que teve início em fins de 2019: o que antes da pandemia poderia parecer discurso de vida (“saia para trabalhar a fim de manter seu ganha-pão e, quem sabe, ter uma casa e conseguir criar uma família”) se revelou rapidamente como discurso de morte (“saia para trabalhar enquanto seu patrão se protege”; “exponha-se para que você ganhe a tal imunidade de rebanho” etc.).

Antes mesmo da pandemia, parte significativa da

população trabalhadora já vivia no chamado “precarizado”, modalidade de subinserção econômica, na qual, geralmente jovens adultos escolarizados, executam e gestam funções de baixa remuneração e por duração incerta. Com a pandemia, essa realidade se agravou.

Portanto, no escopo tanatopolítico, os imperativos de morte atuam eliminando os “redundantes” sociais (que são os pobres e os extremamente pobres), enquanto os “resilientes” (os que puderam e/ou quiseram ficar em casa, no caso da pandemia) ganharam mais probabilidade de sobreviver. O Brasil se tornou rapidamente um triste estudo de caso no que tange à tanatopolítica, ao deixar morrer.

Parte da humanidade passou praticamente dois anos ausente das salas de cinema e dos contatos sociais presenciais. Vimo-nos impulsionados ainda mais para as telas disponíveis em nossos lares. Tornamo-nos de vez a sociedade dos pequenos e médios écrans. Nesse contexto, as séries, os filmes e os livros vêm tocando de maneira vertiginosa nossos medos e angústias contemporâneos, os quais coincidem com a complexidade do Antropoceno. Ainda não abandonamos a corrente temática dos zumbis – os monstros paradigmáticos deste século, como afirmei –, e, nos cenários da ficção, perambulamos por labirintos, por territórios movediços, por ilhas paradisíacas, mas ameaçadoras, por casas e apartamentos que escondem perigos iminentes.

Ao mesmo tempo, a realidade do lado de cá das telas, altamente distópica nos últimos anos em parte do planeta, trouxe o estranho familiar freudiano como espécie de hóspede permanente. Não por acaso, Charlie Brooker, criador da celebrada série *Black Mirror*, afirmou, em 2020, que não lançaria a sexta temporada por

conta do quão sombrio estava o mundo.

Por um lado, a pandemia promoveu rapidíssimos avanços no conhecimento científico, alterou nossas expressões sociais e afetivas, insuflou inseguranças até então adormecidas e aproximou da humanidade a realidade da morte. Nunca estivemos tão próximos do Real no sentido lacaniano, ou seja, àquilo que escapa ao Simbólico e pede nossos esforços de decifração. Foi difícil evadir-se do insuportável que foi trazido até nossas casas, a todo instante, vinte e quatro horas, pelas telas: a constatação de que a civilização é muitíssima mais frágil do que supúnhamos. Menciono a pandemia porque, em se tratando de Antropoceno, ela se torna um exemplo recente e fortíssimo do que somos capazes de fazer ou não a nosso favor e a favor dos outros.

Percebemo-nos solapados em nossas feridas narcísicas. Não esperávamos que um morto-vivo – pois é isso o que se traduz em um vírus – colocasse a humanidade em desesperadora dependência da ciência, tão desprezada em nosso país nos últimos anos, enquanto se aguardava uma solução até mesmo *ex machina*. O vírus – “maquininha” que funciona quando entra em contato com a célula, mas que parece dormir quando não consegue invadir um hospedeiro – impeliu-nos também a pensar o coletivo e rever os valores neoliberais. Penso que as metáforas virais criadas pela cultura coincidem com aquelas que estabeleci para minha tríade monstruosa no cinema do século XXI: em um vértice, temos o morto-vivo; em outro, o ciborgue; no terceiro, o fantasma tecnológico.

E não terá sido exatamente isso esse vírus? Inatingível pela luz, de tão ínfimo o seu tamanho, precisa ser capturado pelos microscópios eletrônicos e, depois,

imaginado pelos designers. Sua forma arredondada e espinhenta, em cores fortes e contrastantes – como uma criatura mutante vinda do espaço sideral em algum filme de aliens – girava nos telejornais. Esse vírus encarnou muita coisa de uma só vez: nem orgânico, nem inorgânico, era tanto maquínico quanto espectral. Em termos de forma, ele se tornou uma fantasmagoria que se dava a ver por meio de animações e infografias, ainda que seu impacto brutal e mortífero se mostrasse incontestável pelas vidas levadas e pelas sequelas deixadas.

Em nossa civilização sem direcionamento ecosófico, foi preciso uma explicação biológica para o desastre – não apenas sanitário, mas ecológico: uma vez mais, como já vimos em tantos filmes, parece que houve invasão humana no recôndito refúgio de alguma espécie. Na mesma trilha do que aconteceu com outras enfermidades infecciosas na história humana, buscou-se traduzir as probabilidades científicas: o estresse de morcegos ou pangolins aprisionados, transportados e confinados para consumo humano, poderia ter desencadeado respostas e defesas imunológicas nesses animais. Isso se daria por meio de um vírus latente que então se tornaria manifesto e, posteriormente, contagioso. Em uma tal situação, não se requer muito esforço para uma tragédia em grande escala: basta que fluidos do animal estressado entrem em contato com mucosas ou ferimentos de alguma pessoa para que uma catástrofe epidemiológica ganhe curso. Ainda que esta explicação venha a ser descartada e se encontre outra origem para o vírus do covid-19, já se verificou muitas vezes as invasões de ecossistemas com conseqüente surgimento de novas doenças.

A experiência marcante da pandemia sinaliza, de vez por todas, que não é mais possível que se continue validando as velhas dicotomias: natureza x cultura; selvagem x civilizado; animal x humano, e nisso reside parte de alguma amenização que possamos ainda propiciar em relação aos impactos do Antropoceno. A pandemia é um estudo de caso antropocênico. Ela é uma das múltiplas antropocenas – como gosto de dizer – com as quais nos deparamos todos os dias.

Se já tivéssemos estabelecido novos tipos de relações e preferido um caminho civilizacional mais tênue e menos abrupto no que tange à emergência de um tardocapitalismo devorador, estaríamos convivendo melhor uns com os outros e com os múltiplos agentes da biota. Provavelmente, não teríamos experimentado a pandemia ou, se ela tivesse emergido, não causaria as dores e os traumas que deixou caminho afora.

As antropocenas foram muito reais. Já não era o desmatamento lá na Amazônia, o lixo afundado nos oceanos ou as guerras fratricidas na África e na Ásia que tivemos de encarar, mas, sim, algo que, em pouco tempo, afligiu a todos de forma global – ricos e pobres, crentes e incrédulos, ocidentais e orientais, cientistas e religiosos. Não foi um único povo que teve problemas com o vírus. Foi a espécie humana, que hoje se vê em meio à sexta extinção em massa da biodiversidade na Terra.

## VI. DA PEDRA

A palavra criada para se reportar a esta “Era do Homem” não é nenhum orgulho científico: trata-se de um recurso neológico extremo para se denominar os

tempos catastróficos que presenciamos, do contrário, “Holoceno” já nos bastaria. É este o ponto que saliento quando penso no Antropoceno: de conceito geológico a um termo da cultura pop e tecnológica, ele estende seus tentáculos a vários campos e áreas de debate.

À medida em que eu ia elaborando essas considerações, percebi que outros significantes, se apresentavam. Entre eles, um dos mais presentes foi “pedra”. Ao investigar um motivo menos aparente para isso – pois, claro, tratar de Antropoceno é mesmo ter de lidar com uma enorme pedra no meio do caminho, a qual me empurrava para a pré-história cada vez mais –, lembrei-me das pedras de meu estado natal, das montanhas à beira dos rios e das barragens que se romperam e levaram a vida de tantos seres – outra triste casuística do Antropoceno. Em Minas, também se estudam cavernas e fósseis, fala-se sobre o período colonial do falso fausto aurífero, e se espanta com as grandes crateras que trazem à tona os minérios que tanto dão movimento à máquina civilizacional quanto enterram sonhos e esperanças.

Pedra é demarcação. Foi, para muitos estudiosos, o primeiro artefato homínide e, provavelmente, o material duradouro mais disponível em toda parte por onde grandes primatas bípedes passaram. Uma pedra também é um dos primeiros signos da humanidade moderna. Ela enuncia uma estela, uma lápide, uma tumba, uma cripta, um jazigo ou uma fossa, dando vazão à natureza plástica da criatividade que, para o filósofo Régis Debray, nasceu funerária.

Escrever sobre o Antropoceno, nesse sentido, é como escavar sobre mortos em busca de respostas. Não é outra coisa, penso eu, que nós, os escritores e os



pesquisadores, fazemos – seja no poema, seja na prosa. São muitos os que elaboraram uma poética da pedra, a exemplo de Drummond, de João Cabral de Melo Neto, de Neruda e de Octavio Paz.

Mas por que associo a pedra ao Antropoceno? A evolução da mão humana implica a evolução das fabricações líticas. Antes de se criar extensões do corpo, as extremidades de nossos membros superiores é que foram aprimoradas e serviram de gesto inicial para muitas outras criações. A mão com o dedo polegar opositor foi uma aquisição engenhosa. Nossas primeiras assinaturas estão nas rochas e nos ossos que sobreviveram às intempéries e ao vandalismo.

Vamos deixando textos de nós mesmos por onde passamos. Por isso, outro subtítulo para esta conferência poderia ser “Assinaturas stratigráficas do humano”, pois fomos desde sempre rabiscando, rubricando e legando nossa firma em grande quantia e velocidade pelo planeta, e isso tem a ver diretamente com o Antropoceno. Uma das grandes marcas da modernidade, sem dúvida, é a rapidez, a qual impacta fortemente em todas as ações que deveríamos empreender e que precisam de tempo – essa mercadoria cada vez mais escassa e preciosa.

A era que instauramos não é outra coisa senão a imposição de um limite a partir do qual nos tornamos oficialmente a espécie que mais alterou o planeta em sua história. As algas cianofíceas ao menos foram responsáveis pela oxigenação da biosfera, junto às plantas que as sucederam. Hoje, sabe-se que um terço do CO<sub>2</sub> que lançamos no ar já foi absorvido pelos mares, cada vez mais acidificados, a ponto de cientistas afirmarem que, até o final deste século, as grandes formações de

corais não existirão. É pesaroso constatar que, em vários pontos do mundo, estão sendo criados “zoológicos gelados” em que espécimes extintos ou em vias de extinção têm sido mantidos a temperaturas baixíssimas, na expectativa de, no futuro, se tentar devolver a vida a eles. Acontecerá o mesmo com a fauna vulnerável dos recifes, incluindo-se a do Brasil, um dos países em que este risco biológico marinho é alto?

Para mim, atribuir o Antropoceno ao século XX é uma questão já não mais a ser discutida: quem quiser pode escolher demarcá-lo a partir da Segunda Guerra, como mencionei, ou ainda empurrá-lo mais para a frente. E os que preferirem também podem esticar a régua do tempo até a Revolução Industrial. Não fará muita diferença, pois o que nos interessa agora é a promoção de ações que evitem tanto a extinção em massa dos seres quanto a destruição de seus habitats, controlando-se, de maneira urgente, esses preocupantes espaços globais invadidos e alterados pelo homem – os antropomas.

Um de nossos erros, sem dúvida, foi criarmos inovações que diziam respeito à produção e ao acúmulo de riquezas materiais, mais do que à partilha do mundo com outros seres. Parte do preço que pagamos com a exploração planetária tem a ver com o que se chama de “domesticação do homem”: se por um lado domesticamos plantas e animais, por outro, nós nos domesticamos a estes, aos outros humanos e aos modos de vida que nos foram impostos pela sociedade, a exemplo do sedentarismo e das aglomerações urbanas. A grande domesticação do Neolítico, com a solidificação da agropecuária iniciada no Paleolítico Superior, foi a domesticação da sociedade, com o consequente

surgimento de novas necessidades. Essa humanização gradativa de um mundo que, cada vez mais, nos apartaria da floresta e da caverna, também nos impelirá a relações simbióticas e comensais com os seres domesticados.

No Neolítico, já vivíamos em um planeta que contava com, pelo menos, sete ou oito milhões de humanos que procriavam e precisavam se alimentar. Toda essa mudança, demorada, insisto, do seminomadismo de fins do Paleolítico para o nomadismo neolítico, pode ser comprovada com análises científicas que contam com a colaboração da biologia, da genética, da climatologia e da dendrologia.

As antropocenas continuarão exercendo forte pressão no curso das espécies e no enredamento biológico, e de tal forma que, quando não estivermos mais aqui neste planeta, outros animais é que presenciarão o crepúsculo de uma Terra enfim desocupada pelos humanos. Desajustamos imensamente nossa casa e a casa das outras espécies. Em biologia, diz-se que aquele que não tem casa se extingue.

O Antropoceno continuará na Terra, conosco ou sem nós, reverberando seus efeitos, como enorme artefato talhado a dizer de nossa presença. Ele está tão imbricado em nós que uma das grandes marcas de nossa espécie no planeta – a poluição pelos diversos tipos de plásticos e, por que não, até mesmo alterações em paisagens inteiras por conta deles – se volta contra nós em nível também microscópico: como disse, já trazemos no sangue partículas dos plásticos mais utilizados pela civilização, com destaque para aquele empregado em embalagens. É o nanoplástico, que assinala desafios também para a área da saúde.

A partir de onde, porém, encontrar alguma possibilidade de renovação de nossos paradigmas frente ao planeta e à biota? Em vez de pretendermos pensar uma natureza absoluta e apartada de nossos juízos, talvez o melhor apelo à nossa responsabilização na Terra seja justamente entendermos essa natureza como modificável perante nossas ações.

Ao melindrarmos a fragilidade da biota – esse bolor em cima da cõdea de um pão, como gosto de metaforizar –, demonstramos que não somos bons copartícipes junto às demais espécies.

Reporto-me diretamente ao humano depois de discorrer sobre ecologia, biomas e biota porque tenho para mim que, quando se fala em “preservar a natureza”, “descontaminar”, “despoluir”, “proteger”, “salvar” etc., no fundo se está também assinalando o medo da morte. Os demais seres vivos ignoram o futuro e não têm consciência da finitude como nós. A eles pouco importa se estamos colocando mais ou menos pesticidas nas frutas e verduras que comemos. As pragas das lavouras não estão revoltadas com nosso combate a seus ovos e larvas. Os anfíbios, a classe mais ameaçada de extinção entre os animais, não farão um motim contra a humanidade: eles seguirão sua existência e, se tiverem de ser extintos por nossa culpa, o serão sem queixas.

A questão, portanto, não está “nela”, na natureza, mas nesse macaco pelado que modifica a própria química da atmosfera que respira sem avaliar as consequências. Alguma esperança, para muitos estudiosos, reside em uma mudança paradigmática na educação das crianças e dos jovens, o que implica a forma como os conhecimentos ecológicos lhes são transmitidos: ainda

é pobre nossa compreensão sobre os ecossistemas antropogênicos, apesar de vivermos neles. Mas a fé que depositamos nas gerações mais jovens tem de se transformar em ações que de fato permitam um mundo menos impactado daqui algumas décadas. É que não há muitas perspectivas mais pela frente – e isso faz parte do paradoxo antropocênico. Ao contrário dos homens pré-históricos, não temos tempo. Este século, portanto, assinalará definitivamente as escolhas urgentes que temos de fazer. No final das contas, a grande espetada narcísica que todo esse imbróglio nos traz tem a ver com o fato de que o mundo não precisa de nós, ainda que você ache lindo escrever no cartaz “salvemos o planeta”. É que o planeta salva a si mesmo há pelo menos quatro bilhões e meio de anos, de todas as formas possíveis, e de suas próprias revoluções.

Assim, o sabiá não está angustiado com o Antropoceno, ainda que dele sinta os impactos: em São Paulo, conhecemos por “insônia do sabiá” o fato de aquele pássaro cantar em horas mais propícias aos piados de coruja devido ao engodo que sofrem pelo excesso de luminosidade. Para um sabiá metropolitano, é sempre dia claro e a vida vai se tornando exausta, breve, desinteressante e confusa. Mas, se desaparecermos como espécie antes dos sabiás, eles continuarão por aqui, povoando alegremente nossos apartamentos e casas em ruínas, voando pelas naves das igrejas como as andorinhas. Então, digo-nos que, ao fim e ao cabo, o Antropoceno é alarmante porque ele também nos assinala a presença da morte para esta que é a única espécie que tem uma consciência ampla da própria finitude. E por isso ele é tão dolorido.

## VII. DO DEIXAR CAIR

**P**recisamos pensar sobre o que fracassa em nós, tanto como sujeitos quanto como cultura. Temos de nos impelir a pensar se devemos ou não nos reconciliar com o fracasso, com esse “deixar cair”, ou se é ainda válido continuar insistindo nos velhos antagonismos e nos dualismos vãos que condicionam a humanidade, em especial nesse preocupante avançar do século XXI. Continuo a defender que a forma do monstro está na estrutura do humano e nessa frágil rede de ilusões chamada civilização. Quando falo dos monstros, trato é de nós.

Ao fim e ao cabo, há algo que temos de entender e aceitar em nós e na cultura, metáfora do assombro que os hominídeos sentiam perante o que restava no coração do núcleo de sílex após aquele ser talhado. Nossos antepassados não faziam mais do que liberar a ferramenta escondida na rocha. Por um lado, ganhavam uma ponta de lança; por outro, tinham também nas mãos o espantoso vazio, essencial e inevitável, da pedra-matriz.

Não por acaso, em sítios arqueológicos é comum serem encontradas ferramentas líticas e lascas não aproveitadas junto ao núcleo bruto, às vezes furado. Talvez esse resto – que, a princípio, parece a parte menos interessante do conjunto – seja capaz de nos falar muito mais do que qualquer técnica ou tecnologia.

O Antropoceno, portanto, nos exige uma sabedoria que dialogue com certa proposição lacaniana: para além do queixume, temos de desenvolver um “saber fazer com”. Contra nós temos, como salientei, o tempo, pois hoje o Antropoceno perfura e estrutura a civiliza-



ção e a vida na Terra. E nele, cada um de nós é também um seixo vazado.

## Adriano Messias



Possui pós-doutorado de 4 anos em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela PUC-SP, com bolsa concedida pela Fapesp. Foi pesquisador convidado pela Universitat Autònoma de Barcelona, na Faculdade de Ciências da Comunicação, onde desenvolveu projeto sobre Antropoceno, cinema e tecnologias monstruosas. Em 2016, também realizou pesquisa científica na Universitat Autònoma de Barcelona, na Faculdade de Filosofia, com ênfase em estudos psicanalíticos e Antropoceno.

É doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e esteve como pesquisador convidado pelo Departamento de Psicanálise, na Universidade Paris 8, e no Departamento de Cinema da Universidade Paris 3. Também foi pesquisador convidado na Universidade de Buenos Aires, com ênfase em psicanálise lacaniana.

Concluiu mestrado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais, graduou-se em Jornalismo e em Letras e possui mais de cento e trinta livros publicados, especialmente literatura para crianças e jovens. Quatro de suas obras de ficção fazem parte do acervo da Unesco ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Seus livros acadêmicos se voltam para as confluências entre semiótica, psicanálise, Antropoceno, cinema e literatura. Entre vários prêmios, Adriano recebeu o Jabuti pela obra “Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura”.



## OBRAS TEÓRICAS DO AUTOR:

MESSIAS, Adriano. Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura. 1ª ed. São Paulo: Educ/ Fapesp, 2016.

\_\_\_\_\_. Todos os monstros da Terra: bestiários do cinema e da literatura. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Blucher, 2022.

\_\_\_\_\_. Comunicação e Antropoceno: os desafios do humano. São Paulo: Educ, 2019.

\_\_\_\_\_. Será a condição humana uma monstruosidade? Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

\_\_\_\_\_. Psicanálise e Neurociências: um diálogo possível? São Paulo: Blucher, 2022.

Algumas obras de ficção do autor sobre Antropoceno para crianças e jovens:

MESSIAS, Adriano. Qual é a sua pegada? São Paulo: Duna Dueto, 2021.

\_\_\_\_\_. Da Lua à Terra. São Paulo: Novo Século, 2021.

\_\_\_\_\_. Amarelindo. São Paulo: Sowilo, 2020.

\_\_\_\_\_. Luzia, mulher coragem. Um conto sobre a primeira brasileira. São Paulo: Fênix, 2022.



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadiu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missioneiro no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadiu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring  
Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters



- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Viggiada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey  
N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)

 UNISINOS